CULPADOS

Rosemeire A. Freitas

2013



Culpados

Dedico este livro a todos meus pré-leitores que dispuseram de seu tempo para me apoiar quando essa ideia não passava de um sonho distante.



CARO LEITOR

Quem de nós nunca se sentiu culpado por alguma atitude impensada? Quem pode dizer que tem a consciência totalmente livre de arrependimentos? E quantas vezes já nos pegamos pensando se poderíamos ou não ter tomado um rumo diferente quando a vida nos apresentou suas encruzilhadas?

Essa é uma história sobre a vida, amor, culpa, arrependimentos e aceitação. Sobre o que somos capazes de fazer quando estamos sob imensa pressão. E sobre o eterno dilema entre seguir os desígnios do coração ou a voz da razão.

O cenário é a linda Curitiba, capital do estado do Paraná, conhecida pelo simpático apelido de “Cidade Sorriso”.

Boa leitura! Espero que gostem!

A autora



PREFÁCIO

"O astuto vê o mal e esconde-se, os ingênuos avançam e sofrem o dano." (Bíblia Sagrada).

Talvez essa história fosse diferente se Carina tivesse prestado mais atenção ao conselho acima. Mas, ao invés disso se deixou levar distraidamente pela vida, achando que todos ao seu redor eram razoavelmente bons. E como tudo na vida tem um preço, ela também pagará pela própria ingenuidade.

Trata-se de uma história sobre amor e culpa. Carina é uma jovem mulher, no auge dos seu 25 anos, moradora da cidade de Curitiba, que tenta em vão resgatar seu casamento da rotina e da ausência contínua do marido. Filha de descendentes de italianos foi criada no rigor de uma família machista e acostumada a se submeter sempre às vontades masculinas. Pensava se sentir protegida e feliz assim, até que a amizade improvável com um rapaz totalmente fora de sua realidade a fez enxergar sua situação de outras maneiras.

Sua falta de astúcia a leva a se entregar a um caso extraconjugal. Mas logo percebe que se envolveu em um mundo de mentiras, no qual nem todos são o que parecem. Quando sua traição é descoberta se torna obrigada e enfrentar a fúria do marido e se vê abandonada pela família.

Separada da filha, ferida no corpo e na alma, cruelmente atormentada pela culpa, tem que recomeçar do nada,

enquanto procura uma forma de recuperar sua vida anterior. Para isso conta com a ajuda de um médico que se torna seu único aliado. Mas o reencontro com o passado e com o homem que bagunçou sua vida a colocará em situações onde seus valores serão postos à prova, e ela tomará decisões que definirão seu futuro.

CAPÍTULO 1

Era um dia no início da primavera, na cidade de Curitiba, fins do mês de setembro de 2003, ainda fazia frio, mas era agradável. Enquanto dirigia através da fina neblina da manhã, ela observava as árvores que ladeavam as ruas. Eram de um verde vivo, havia flamboyants vermelhos, ipês roxos e amarelos e as primaveras floridas em vários tons de rosa, laranja e branco davam um colorido especial à cidade nessa época do ano. Assim que o Sol aparecesse no decorrer do dia, a cidade ficaria reluzente. Não era à toa que Curitiba se tornara conhecida como uma das cidades com melhor qualidade de vida do Brasil, muito arborizada, limpa, florida, com seus monumentos, igrejas, prédios históricos, muitas praças e cheia de atrações culturais, guardando ainda os resquícios de seus fundadores e imigrantes europeus.

Parada no semáforo, Carina abriu a janela do carro e inspirou o ar carregado de odores da primavera. Adorava essa cidade. Descendente de italianos era nascida e criada no bairro de Santa Felicidade, localizado no noroeste da cidade, foi nesse mesmo bairro que conheceu seu marido, casou-se e continuava morando. Santa Felicidade teve sua origem nos tropeiros que cruzavam o país vindos de São Paulo, rumo ao sul. Recebeu centenas de imigrantes vindos do norte da Itália no final do século XIX e início do século XX. Era um lugar agradável para se viver, com ruas arborizadas e seus inúmeros restaurantes de comida



italiana, barzinhos, vinícolas e lojas de artesanato. Seus pensamentos logo voltaram à realidade assim que o sinal abriu e os carros que estavam atrás começaram a buzinar. “Ah que droga esse trânsito na segunda de manhã”, pensou enquanto acelerava o carro.

Chegou à Avenida Padre Anchieta, localizada na região do Bigorrilho, onde ficava a matriz da loja que seu marido tinha em sociedade com seu pai. A firma havia crescido após a entrada de Antonio na sociedade. Eles dispunham de uma rede de lojas por todo o estado do Paraná, além de uma matriz bem espaçosa para atender a região metropolitana de Curitiba. O ramo de atividade era um setor bastante lucrativo em um país cuja base dos meios de transporte é o rodoviário: venda de peças para carros e caminhões. Ela chegou ali cheia de boas intenções, para trabalhar gerenciando o setor financeiro.

O marido era um homem corpulento de 41 anos, também descendente de Italianos: Antonio De Marco. Seu bisavô havia migrado da Itália no início do século XX, se estabelecendo em uma colônia italiana, que depois veio a se tornar o Bairro Santa Felicidade. Não chegou a ficar rico, mas morreu bem estabelecido. A família numerosa, sempre procurou conservar suas tradições, a maioria dos descendentes acabou se estabelecendo ali mesmo pela região. Antonio era o mais velho de uma família composta por mais um irmão e duas irmãs, todos casados. Seu pai havia falecido muito cedo, deixando a família sem muitos bens. Antonio, portanto, não tivera regalias, tudo o que

possuía era fruto de seu trabalho duro desde que tinha 15 anos de idade.

Era um homem justo, porém se tornava rude às vezes, principalmente devido ao seu forte lado emotivo, de temperamento forte e explosivo, não sabia separar muito bem os assuntos profissionais dos pessoais. Tratava seus funcionários como amigos, seus amigos como irmãos e não tolerava ser contrariado. Estava na empresa há 25 anos, começou trabalhando como entregador em uma pequena loja que pertencia ao pai de Carina, tornando-se sócio majoritário da loja em poucos anos. Desde então a firma progrediu bastante se tornando uma das principais fornecedoras de autopeças para a cidade de Curitiba e região. Atualmente a empresa havia se especializado tanto em peças para automóveis como para veículos pesados. A matriz tinha cerca de 20 funcionários, entre vendedores, entregadores, serviços gerais e administrativos. Agora eles também teriam a colaboração da esposa de Antonio.

Carina tinha acabado de completar 25 anos, e era mãe de Camille, uma garotinha de brilhantes olhos azuis e cabelos claros, que completaria 7 anos de idade no dia 10 de dezembro. Estavam casados há oito anos, combinavam relativamente bem, pois o temperamento dela era o oposto do marido. Era racional, calculista, raramente perdia o controle e pouco demonstrava as emoções que sentia. Havia se casado muito jovem, com apenas 17 anos, assim que terminara o 2º Grau. Naquela época, Antonio era um solteiro bastante cobiçado, alguns anos mais velho, dono de uma firma já conceituada, bonito, olhos azuis, alto e com seu charme italiano irresistível. Carina amava o marido, ou



pelo menos achava que a obsessão que sentia em agradá-lo era amor. Conhecia o temperamento de Antonio, sabia como se tornava explosivo às vezes por qualquer razão sem importância, por isso era um pouco arriscado conviver diariamente com ele, mas na época ela não levou isso em consideração.

Após o casamento, sob influência do pai e do marido, tornou-se uma exemplar dona de casa, e logo, com o nascimento da filha, passou a se dedicar exclusivamente ao marido, ao lar e à maternidade. Era uma dessas mães que levam os filhos ao parquinho do bairro, brincam de casinha, carrinho, ensinam a andar de bicicleta, etc. Como esposa procurava fazer de tudo para agradar o marido. Antonio nunca tinha de se preocupar com nada em casa, quando chegava a esposa estava sempre pronta a servi-lo com pequenos mimos que ele gostava.

No início tudo foi maravilhoso. Nos finais de semana costumavam ficar sempre juntos, almoçavam com a família que se reunia na casa dos pais de Carina e, frequentemente jantavam em algum restaurante do bairro. Às vezes saíam para passear pela redondeza e, no verão, desciam para o litoral várias vezes na sexta-feira à tarde ou sábado, retornando somente no domingo à noite. Porém, logo após o nascimento da filha, Carina percebeu que Antonio não demonstrava mais muita vontade de ficar em casa, não importava o quanto ela se esforçasse para agradá-lo, ele estava sempre trabalhando, tinha negócios a resolver na firma, jogava futebol com os amigos, ou tinha qualquer outra atividade que o mantinha na rua até mais tarde.

Essas atitudes eram extremamente decepcionantes para ela, que ainda era o tipo de garota que pensava ter encontrado o príncipe encantado. Passou a se dedicar ao cuidado da pequena Camille, que ocupava boa parte do seu tempo. Antonio adorava a filha, mas não era o tipo de pai que troca fraldas e prepara mamadeiras, e sua paciência curta o impedia de resolver as pequenas manhas da garotinha, que às vezes era bem temperamental. Essa tarefa de apaziguar os ânimos de Camille cabia exclusivamente à mãe.

Há cerca de dois anos, quando Camille completou cinco anos, a mãe de Antonio, dona Ana, veio morar com a família e, assim, começou a nascer em Carina o desejo e a necessidade de fazer algo além de cuidar da família. Ela começou a fazer planos de convencer Antonio a dar-lhe alguma liberdade, pois Ana poderia ajudar com o cuidado da garotinha, mas Antonio sempre tentava bloquear suas tentativas de independência, era um homem conservador e possessivo, nunca permitiu que a esposa cursasse a universidade e nem queria ouvir falar no assunto. Assim estava difícil, pois Antonio contava ainda com a ajuda do pai de Carina para apoiá-lo. Eram tradicionalmente machistas, “lugar de mulher casada é em casa, cuidando dos filhos e do marido”, era o que dizia o velho Giorgio Venturini nos almoços de domingo em que surgia o assunto. Como avô também cobrava o nascimento de mais netos. “Estou ansioso para ver essa casa cheia de crianças”, dizia com freqüência enquanto dirigia um olhar de reprovação para a filha por não estar grávida novamente. Em contraste com essas atitudes de seu pai, Julia, sua irmã



mais nova havia se recusado a casar, e mesmo com muita resistência por parte do pai, cursara a faculdade de jornalismo e agora, recém formada, havia conseguido trabalho em um jornal em Florianópolis, onde morava atualmente.

A situação começou a mudar apenas há alguns meses, e por necessidade. Antonio tinha uma secretária que trabalhava com ele há anos, cuidando da parte financeira da loja. Era uma senhora de meia idade, já acostumada a lidar com as repentinas mudanças de humor do patrão, mas havia ido embora do país há seis meses, morar com seu filho no exterior. Depois disso nenhuma outra pessoa se adaptara ao trabalho. O temperamento difícil de Antonio acabava espantando logo as secretárias. Além do mais eles precisavam de alguém de absoluta confiança para lidar diretamente com o dinheiro da firma. Assim, sem outra alternativa, Antonio se viu obrigado a pedir ajuda para sua esposa, e, após uma reunião de família, ficou decidido que Carina deveria ir trabalhar na firma. Ela aceitou sem relutância, era assim que estava acostumada, afinal buscava alguma ocupação e seu costume era fazer o possível e até o impossível para agradar o marido. Então, se precisavam dela, iria sem pestanejar, Antonio chamava, ela atendia. E havia também a questão financeira, era daquela empresa que saía todo o dinheiro para o sustento da casa, da filha e dela própria, até mesmo o carro que usava era da firma, então como poderia virar as costas no momento em que precisavam dela?

Foi com essas intenções que Carina chegou à firma, estava nervosa e acabou indo direto para a parte onde ficava o escritório. Era localizado na parte dos fundos, mas no piso superior, com uma grande janela de vidros escuros, por onde se tinha uma visão geral do balcão de atendimento localizado no primeiro piso. No início tudo era muito estranho, ela havia se acostumado a ser mãe, esposa e dona de casa nos últimos anos. Antes disso sua vida tinha se resumido em ser uma aplicada estudante e ajudar a mãe nos serviços da casa, até que se casou com Antonio, saiu do regime machista do pai e se submeteu ao regime machista marido. Mas os tempos haviam mudado, Antonio e até mesmo Giorgio teriam que se adaptar, a necessidade os obrigava a aceitar o que antes seria inaceitável.

Durante a primeira semana, ela lutou para se adaptar aos papéis, contas e notas fiscais. O computador era um caso à parte, ela tinha algum domínio sobre essa máquina, usava a internet esporadicamente para assuntos de lazer, não era uma analfabeta tecnológica, mas logo descobriu que precisaria de ajuda para lidar com os programas de trabalho. Para isso teve a pronta colaboração de Carlos, um vendedor simpático e brincalhão que logo se tornou seu ponto de referência para assuntos de informática, além de outras coisas referentes ao andamento do funcionamento geral da loja. Com seu senso de organização, rapidez de pensamento e facilidade para resolver problemas práticos, logo estava perfeitamente adaptada ao seu trabalho.

Em contrapartida, logo nos primeiros dias notou que os rapazes da loja ficavam pouco à vontade quando ela estava por perto. Com exceção de Carlos, procurava falar apenas o



necessário com os demais funcionários. Mantinha-se dentro do escritório, que era composto de duas salas conjugadas, uma menor, cuja mobília consistia em um arquivo de aço, mesa com computador e cadeira que Carina ocupava e um sofazinho de dois lugares revestido em tecido na cor azul marinho já meio gasto. A outra sala era um pouco maior com duas mesas, quatro cadeiras estofadas e um sofá confortável em couro preto, esta era a sala dos chefes, mas normalmente Antonio preferia ficar em outra mesa fora do escritório, no piso de baixo, próxima ao balcão de atendimento. Antonio não era muito bom em dar explicações, por isso não se opôs à ajuda que Carlos ofereceu. Apesar da inicial estranheza todos acabaram se adaptando a seus novos papéis.

Além de Carina, havia apenas mais duas mulheres entre o quadro de funcionários, Rita, uma senhora de cabelos curtos e grisalhos que cuidava da limpeza e fazia o café e Jéssica, a moça do caixa. Da janela, Carina observava todo o movimento da parte de baixo da loja, também podia ver Antonio sentado em sua mesa, do lado oposto, atendendo clientes, fornecedores, fechando negócios e conversando animadamente com as pessoas que vinham até ele, geralmente homens com seus laptops, pastas com catálogos demonstrativos e pilhas de documentos. A vista da janela do escritório incluía o enorme balcão de vidro, com quatro computadores de mesa, espalhados ao longo de sua extensão, os vendedores indo e vindo do estoque, conversando, calculando preços e prazos e o caixa em um canto, onde Jéssica se sentava tranquilamente. Tudo acontecia sob o olhar atento do patrão. Já Giorgio tinha

uma participação reduzida nos negócios, era o sócio minoritário que não tinha nenhum poder de decisão. Passava os dias percorrendo as filiais e fiscalizando tudo para Antonio, que cuidava das compras, além de fiscalizar todas as vendas lidando diretamente com os funcionários e financeiro. Carina trabalharia diretamente com o marido.



CAPÍTULO 2

Carina era uma pessoa de temperamento reservado. Não tinha amigas ou amigos chegados, sua vida era dedicada apenas à família e à igreja católica do bairro, que frequentava aos domingos com a família, como bons italianos, e agora ao seu novo trabalho também. Seu único divertimento era assistir alguns filmes, em casa, e algumas vezes ela e Antonio saíam para jantar em algum restaurante na Via Vêneto, geralmente acompanhados de outro casal, amigos de Antonio. Além disso, se ocupava em ajudar a mãe nos intermináveis almoços de família aos domingos. Era séria, de poucas palavras e, embora cumprimentasse educadamente a todos e fosse simpática com os clientes, sua reserva logo se tornou perceptível entre o pessoal da loja.

Todos a respeitavam adequadamente, era tratada como Dona Carina, até mesmo pelos funcionários mais velhos, e gostava disso. Gostava de se sentir segura e protegida pela sua condição de esposa de Antonio, filha de Giorgio e consequentemente respeitável senhora. Sua aparência combinava bem com a personalidade, era discreta nas roupas, normalmente usava calças de brim ou mesmo jeans comportados, com camiseta pólo ou simplesmente a camisa que servia como uniforme da firma: de cor azul celeste com bolso lateral e logotipo da empresa. Os fartos cabelos lisos e castanhos eram geralmente mantidos presos em um rabo de cavalo. A pouca maquiagem que



usava consistia em apenas um lápis discreto nos olhos e um leve batom cor de boca. Apesar da discrição não era uma mulher sem atrativos, tinha uma beleza natural, com os grandes olhos castanhos e a sobrancelha bem feita se destacando na pele branca. Após o nascimento da filha adquirira mais curvas nas formas de seu corpo, e, apesar de ela sempre achar que precisava perder alguns quilos, podia-se dizer que estava em forma.

Passados alguns dias, já estava perfeitamente adaptada à rotina de trabalho. Conseguiu organizar tudo e estava cheia de novas idéias para melhorar o andamento, o atendimento e o faturamento da empresa. Seu trabalho consistia em organizar as notas de vendas, fazer as duplicatas de cobrança, dar entrada nas notas de compras, fazer a folha de pagamento dos funcionários, verificar os horários e cartões de ponto, fazer notas fiscais de saída, gerenciar as contas nos bancos, controlando cheques, cartões, saldos, pagando as duplicatas da firma e efetuando depósitos bancários. Além disso, também tinha de conferir o caixa todos os dias. Não demorou muito para que ela se apegasse a tudo aquilo. Gostava do barulho das conversas, ver pessoas diferentes todos os dias, ver os rostos dos colegas de trabalho que iam se tornando conhecidos com o passar dos dias. Agora ela sentia-se fazendo parte do mundo real. Sentia-se bem ali. Começava a se enturmar.

Decorridos cerca de três meses, no início de dezembro, apareceu um novo funcionário na loja, que, segundo ela ficou sabendo mais tarde, havia sido contratado como entregador e ajudante geral por Antonio. “É bem típico

dele, fazer tudo sem me avisar e depois caso as coisas não deem certo, me mandar resolver", ela pensou. O rapaz era jovem, aparentava ter uns vinte e poucos anos, era alto, cabelos castanhos e meio crescidos, ele usava sempre um boné, mas foram seus olhos que chamaram a atenção dela logo no início, pois percebeu que o rapaz a encarava, fazendo um leve aceno com a cabeça toda vez que passava por ela. "Que estranho, ele só deve estar tentando ser simpático", pensou.

Logo após os primeiros dias, Carina já sabia os dados necessários, pois recebera os documentos para fazer a admissão do novo funcionário. Chamava-se Diogo Santa Cruz, ela viu sua data de nascimento: 30/06/1980 e fez as contas, tinha 23 anos, era descendente de mãe argentina e pai "ignorado", nascido na cidade de Uruguaiana, fronteira do Brasil com Argentina, não havia concluído o Ensino Médio e sua carteira profissional não tinha nenhum registro. Nunca conversaram, além de poucas palavras trocadas no escritório, quando fizeram a admissão oficial do rapaz. Os detalhes sobre seu serviço foram tratados com Antonio em sua sala e a portas fechadas.

Além disso, Carina começou a observar outras coisas sobre ele que nada tinham a ver com sua vida profissional, tinha olhos castanhos perturbadores e não tinha medo de olhá-la nos olhos. Ele parecia meio misterioso, era diferente dos outros rapazes da loja. Sua aparência era meio desleixada, jeans desbotado, camiseta gasta, tênis velhos, cabelo crescido e boné. Mas era bonito, os olhos escuros eram emoldurados por sobrancelhas espessas, tinha sorriso largo e jeito que ela não conseguia definir entre quase



tímido e atrevido na forma como ele baixava a cabeça ou passava as mãos pelos cabelos, ou quando se cruzavam pela loja e ele a encarava. Nasceu uma súbita vontade de saber mais sobre ele. Era só curiosidade, a princípio. Trocavam poucas palavras durante o expediente, mas os olhares continuavam. “Qual é o problema desse cara?”, se perguntava. Ela estava entrando em um terreno perigoso, mas não sabia a dimensão desse perigo.

No final do mês, alguns dias antes do Natal, em uma sexta-feira à noite, houve uma festa para os funcionários, era um churrasco, regado à cerveja e brincadeiras. Houve sorteio de brindes e entrega de cestas de Natal. A festa foi organizada por várias firmas do setor de autopeças da cidade. Foi realizada em uma chácara próxima. O clima estava descontraído, fazia calor, mas uma suave brisa noturna amenizava a temperatura. Antonio se divertia bebendo e conversando com seus amigos.

Carina estava se sentindo meio deslocada, Vó Ana e Camille não vieram, pois a data coincidiu com o aniversário de uma amiguinha de Camille, e ela foi à festa em um clube da cidade acompanhada pela avó. Já sua mãe, Maria não costumava vir nessas ocasiões, “para não me aborrecer com a bebedeira dos homens”, ela dizia. Carina não conhecia muitas pessoas, não era tão sociável, então logo se cansou de ficar sentada ao lado de Antonio ouvindo a conversa dele e de seus amigos e tentando ser simpática, ficou grata quando o marido teve que sair para resolver alguma coisa. Levantou-se dali e ficou em um canto, completamente sozinha. Pensou em ir embora, mas isso

seria admitir o que seu marido costumava dizer “Nina, você não procura se enturmar, deixa de ser anti-social!”, as palavras dele ecoavam em sua cabeça, e ela sabia que ele tinha razão, ela preferia mil vezes ficar em casa vendo um filme ou lendo um livro a sair e conversar com as pessoas. Resolveu ficar, sentou-se em um banco debaixo de uma árvore de onde observava o movimento das pessoas ao longe. Alguns se jogavam na piscina, outros dançavam animadamente músicas regionais debaixo de um dos quiosques, mas a maioria dos homens permanecia sentada em suas cadeiras, apenas bebendo e conversando.

Foi a oportunidade para que ele se aproximasse. Veio, trouxe uma latinha de cerveja, ofereceu, ela não costumava beber, mas aceitou. Ele ficou em pé, meio sem jeito, começaram a conversar. Ela o convidou para sentar-se ao seu lado, um pouco por educação, mais por curiosidade. Após a primeira latinha, ele trouxe outra e mais outra e beberam juntos. Havia um toque de sedução na forma como ele bebia e lhe passava a latinha, com o olhar fixo, com uma certa intimidade, como se o gosto da sua boca ficasse ali se misturando com a cerveja.

Ele logo foi lhe contando algumas coisas sobre sua vida. Os pais tinham se separado antes de seu nascimento, ele foi criado pela mãe na fronteira, tinha três irmãos mais novos. Sempre tiveram uma vida difícil. Ela foi se envolvendo pela conversa descontraída, percebeu que o rapaz tinha um certo sotaque fronteiriço, na forma como falava usando palavras como “tchê”, “guria” ou “tu e ti”. Ele contou que estavam morando em um bairro distante da cidade. Não conhecia muita gente ainda ali. Havia parado de estudar

aos 15 anos, quando estava no 1º ano do Ensino Médio, tinha que trabalhar para ajudar a mãe e os irmãos. Parecia legal, tinha um largo e cativante sorriso, olhar misterioso, jeito simples. De repente estavam conversando como se fossem amigos há muito tempo. Carina foi deixando sua reserva de lado, contou-lhe fatos da sua vida, sua pequena família composta de pai, mãe e uma irmã, o casamento, a filha. Era uma amizade bem improvável, mas descobriram tantos assuntos sobre o que falar. Ela sorria, como há muito tempo não fazia.

Os outros pareciam não estar prestando muita atenção aos dois, Antonio demorava para voltar e seu pai a essas alturas já estava completamente bêbado. Mesmo assim, ela percebeu que sua conversa ali, com aquele rapaz poderia ser mal vista pelas pessoas. Apelou para seu bom senso, levantou-se e, com a cabeça rodando por causa da sua pouca familiaridade com bebidas alcoólicas, se despediu e foi embora.

Mais tarde, deitada em sua cama com o marido dormindo ao seu lado, repassava os acontecimentos daquela noite. Era legal conversar com ele, era como descobrir um mundo diferente, muito distante do que ela estava acostumada. Ela queria continuar aquela conversa qualquer dia desses, há tempos não se sentia tão bem e descontraída.

CAPÍTULO 3

Houve um pequeno recesso na firma para as festas de final de ano. Logo após as comemorações de Natal, Antonio, a esposa, a filha, Vó Ana e os pais de Carina, Giorgio e Maria desceram para o litoral, no tranqüilo balneário de Praia de Leste, como era seu costume, para passar a virada de ano. Julia, sua irmã, viria também com o novo namorado. Carina estava ansiosa para ver a irmã, que não via há quase um ano. Não se surpreendeu ao ver que Julia estava ainda mais alegre, mais comunicativa, mais adulta, mais bonita, parecia muito feliz com seu novo namorado, um militar alto, moreno e forte que ela conhecera em Florianópolis. Julia era tudo o que Carina não era: passional, aventureira, expansiva, ousada e principalmente rebelde.

_ Ela nunca se importou com o que os outros pensam dela. – disse-lhe sua mãe, Enquanto caminhavam pela areia úmida no final da tarde. – A Juli tem tudo o que seu pai odeia em uma mulher, logo a filha foi sair tão oposta à ele.

_ Ela parece feliz, mãe. Olha só para os dois, o Alexandre parece um daqueles atores de Hollywood! Que mulher não ficaria feliz desse jeito? – Carina brincou enquanto observava os dois abraçados ao longe. – A Juli segue seus instintos, ela não tem medo de se jogar de cabeça nas coisas que faz.

_ Se joga de cabeça demais, não sei até que ponto isso é bom. – Maria continuava se preocupando com a filha mais